

RUA DR. PELÁGIO LOBO

Lei nº 1137 de 07-06-1954

Formada pela rua 3 do Jardim Brasil

Início na avenida Brasil

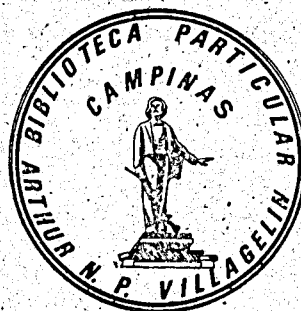
Término na rua Clovis Bevilacqua

Jardim Brasil

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Dr. Antonio Mendonça de Barros.

DR. PELÁGIO LOBO

Pelágio Álvares Lobo nasceu em Campinas, a 01-02-1888 e faleceu em São Paulo, a 07-05-1952. Era filho do dr. Antonio Alvares Lobo e Guilhermina de Freitas Guimarães Lobo e foi casado com Arinda de Freitas Lobo com quem teve quatro filhos. Fez seus primeiros estudos na escola do professor Cristiano Volkart e depois no Grupo Escolar "Francisco Glicério", fazendo o secundário no Ginásio do Estado. Em 1906 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1910. Montou escritório de advocacia em Campinas, onde foi Juiz de Paz do Distrito da Conceição, de 1912 a 1915. Foi Procurador da Municipalidade de Santos em 1921 e 1922, indo a seguir para São Paulo. Foi chefe do Departamento Jurídico da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, consultor jurídico do Banco do Café e da Companhia Aliança de Armazéns Gerais e Juiz do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, por muitos anos. Quando estudante de Direito, colaborou em "A Revista" órgão do Centro Academico "XI de Agosto". Iniciou-se na imprensa na "Cidade de Campinas", onde foi diretor e redator, redigiu a revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, de 1915 a 1918 de cuja entidade foi orador oficial, escreveu para o "Diário Popular", "A Platéia", "Folha da Manhã" e para o "O Estado de S. Paulo" do qual foi diretor também. Antes de falecer mantinha, aos domingos, no "Correio Paulistano", um rodapé memorialista, disputado pelos leitores. Publicou vários trabalhos jurídicos e no jornalismo, se especializou no estudo de figuras e épocas ligadas à política brasileira e paulista, no Império e na República. Tinha prontos para o prelo as seguintes séries de estudos biográficos, estampados anteriormente de 1943 a 1945 em "O Estado de S. Paulo": "Recordações das Arcadas" e "Galeria de Figuras Paulistas". É o patrono da Cadeira nº 28 da Academia Campinense de Letras.



LEI N.º 1137, DE 7 DE JUNHO DE 1954

DÁ O NOME DE "DR. PELÁGIO LÓBO" A UMA RUA DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Dr. Pelágio Lôbo" advogado, jornalista e historiador, a Rua Três, do Jardim Brasil, que se inicia e termina, respectivamente na Rua 1, do arruamento citado, e Avenida Brasil.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 7 de junho de 1954.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em
7 de junho de 1954.

O Diretor,
Admar Maia



PELÁGIO ALVARES LOBO — nasceu em Campinas a 1-2-1888. Fez os primeiros estudos na escola do professor Cristiano Volkart, e logo após, entrou no 1.º Grupo Escolar de Campinas, e o secundário no Ginásio do Estado desta cidade. Formou-se em 1910, pela Faculdade de Direito de São Paulo e abriu escritório de advocacia. Iniciou-se na imprensa em 1901, na "Cidade de Campinas" exercendo os cargos de diretor e redator, de 1910 a 1915. Redigiu a Revista do CCLA, de 1915 a 1918. Ocupou o cargo de Procurador da Municipalidade de Santos nos anos de 1921 e 1922. Exerceu em Campinas as funções de juiz de paz, 1912-14; foi orador oficial do CCLA. Diretor do jornal "Estado de São Paulo" de 24-10-42 a 45. Foi 1.º secretário da Ordem dos Advogados, seção de São Paulo; consultor jurídico do Banco do Café, da Companhia Aliança de Armazéns Gerais e da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, desde 1911. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade Paulista de Escritores, da Sociedade Amigos da Cidade, do Clube Piratininga, etc.

Quando estudante pertenceu ao Centro Acadêmico XI de Agosto em cuja revista colaborou, tendo feito parte, com Roberto Moreira, Leven Vampré e outros, da redação de "A Revista", órgão acadêmico que se fundou em São Paulo em 1910. Escreveu mais tarde, para o "Diário Popular", a "Platéia", a "Folha da Manhã", o "Estado de São Paulo" e para "Correio Paulistano", todos da Capital. Neste último jornal assinava, aos domingos, um rodapé memorialista. Historiador, biógrafo, conferencista, jornalista, etc.

Pelágio Alvares Lobo faleceu em São Paulo a 7-5-1952.



1 DE FEVEREIRO

EM. 1-2-54

1888 — Nasce em Campinas o jornalista e advogado Pelagio Alva-

res Lobo, falecido em São Paulo a

7 de maio de

1952. Fez os es-

tudos primários e

secundários em

sua cidade na-

tal, matriculan-

do-se em 1906

na Faculdade de

Direito de São

Paulo, por onde

se diplomou em

1910. Depois de

formado, advo-

gou em Campi-

nas, foi juiz de



Paz do distrito de Conceição (1912-

1915) e subprocurador judicial da

município de Santos, de 1921 a

1922. Divulgou na imprensa nume-

rosos trabalhos de vários gêneros,

principalmente estudos de vultos e

atos ligados à política paulista e

brasileira, no Império e na Repu-

blica. Publicou em folhetos alguns

desses trabalhos, além de outros so-

bre matéria jurídica. Tinha pron-

tas para o prelo as seguintes séries

de estudos biográficos estampados

anteriormente de 1943 a 1945 em "O

Estado de São Paulo", de que foi

diretor nesse período, e no "Correio

Paulistano" (de 1947-49): "Recorda-

ções das Arcadas" e "Galeria de Ve-

lhas Figuras Paulistas". Era mem-

bro do Instituto dos advogados de

São Paulo e do Instituto Histórico

e Geográfico e foi diretor do Cen-

tro de Ciências, Letras e Artes de

Campinas e da Ordem dos Advoga-

dos do Brasil, seção de São Paulo.

*

Cdm



Pelagio Lobo



Pelagio Lobo

A 7 de maio de 1952 faleceu em São Paulo o advogado e jornalista Pelagio Alvares Lobo, nascido em Campinas no dia 1.º de fevereiro de 1888. Fez os estudos primário e secundário em sua cidade natal, matriculando-se em 1906 na Faculdade de Direito de São Paulo, por onde se diplomou em 1910. Depois de formado advogou em Campinas, foi juiz de paz do distrito de Conceição de 1912 a 1915 e subprocurador judicial da municipalidade de Santos, de 1921 a 1922. Divulgou na imprensa numerosos trabalhos de vários gêneros, principalmente estudos de vultos e fatos ligados à política paulista e brasileira, no Império e na República. Publicou em folhetos alguns desses trabalhos, além de outros sobre matéria jurídica. Tinha prontos para o prelo as seguintes séries de estudos biográficos, estampados anteriormente de 1943 a 1945 em "O Estado de São Paulo": "Recordações das Arcadas" e "Galeria de Figuras Paulistas". Foi diretor daquele jornal e do "Correio Paulistano". Era membro do Instituto dos Advogados de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico e foi diretor do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Paulo.

RUA PELÁGIO LOBO



Pelagio Lobo

A 1.º de fevereiro de 1888, em Campinas, nasce o advogado e jornalista Pelagio Alvares Lobo, falecido em São Paulo a 7 de maio de 1952. Fez os estudos primário e secundário em sua cidade natal, matriculando-se em 1906 na Faculdade de Direito de São Paulo, por onde se diplomou em 1910. Advogou em Campinas, foi juiz de paz do distrito de Conceição, de 1912 a 1915, e subprocurador judicial da municipalidade de Santos, de 1921 a 1922. Divulgou na imprensa numerosos trabalhos de vários generos, principalmente estudos de vultos e fatos ligados à política paulista e brasileira, no Império e na República. Pu-

blicou em folhetos alguns desses trabalhos, além de outros sobre matéria jurídica. Tinha prontos para o prelo as seguintes series de estudos biográficos, estampados anteriormente, de 1943 a 1945, em "O Estado de São Paulo": "Recordações das Arcadas", "Galeria de Figuras Paulistas". Foi diretor daquele jornal e também do "Correio Paulistano". Era membro do Instituto dos Advogados de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e foi diretor do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, e da Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Paulo.

1.º DE FEVEREIRO

G. A. Penteado



PELAGIO LOBO

Ativa vocação literária de historiador e jornalista, nasceu Pelagio Alvares Lobo, em Campinas, a 1.º de fevereiro de 1888 e morreu nesta Capital a 7 de maio de 1952. Fez estudos no Ginásio do Estado de sua cidade natal e cursando a Faculdade de Direito de São Paulo, diplomou-se bacharel em 1910. Advogou na cidade de São Paulo e ingressou no jornalismo, tendo sido diretor da "Cidade de Campinas". Foi juiz de paz na mesma cidade e primeiro-secretário da Ordem dos Advogados, seção de São Paulo, e consultor de Companhias e Bancos. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Sociedade dos Escritores, colaborou assiduamente em jornais paulistas e foi destacado historiador, memorialista, biógrafo, conferencista e jornalista.



Faleceu ontem o dr. Pelagio Lobo

CAUSOU PROFUNDA CONSTERNAÇÃO O PASSAMENTO DO BRILHANTE ADVOGADO E JORNALISTA — TRAÇOS BIOGRAFICOS

A notícia do falecimento de Pelagio Lobo, ontem, à tarde, desde logo alcançou a cidade, enchendo de tristeza o vasto círculo de seus amigos e admiradores. Com ele desaparece um grande paulista, cujo nome, segundo a linha de uma nobre tradição, se tornou expressão do que há de melhor em nossa gente. Era uma cultura jurídica sólida e atuante, um jornalista sempre atual e presente; um devotado estudioso do nosso passado e um orador cheio de encanto e de graça. E é principalmente neste aspecto que Pelagio Lobo se revelava. Falando, trazia a alma nos lábios. Era então o "causeur" admirável, alegre e fascinante que tomava conta, desde logo, com espontaneidade incomparável, do auditorio que o cercava.

Sabia de algum tempo que a morte o esperitava. Já o tinha assaltado de uma feita e estava em busca de nova ocasião. Mas, apesar disso, continuava o mesmo, com a mesma alegria, com a mesma simpatia acolhedora, com o mesmo entusiasmo no trabalho. Antigo colaborador de nosso jornal, com rodapés dominicais disputados pelo público, manteve até agora a sua colaboração.

Perde o "Correio Paulistano" um de seus melhores elementos, o articulista, o memorialista, o companheiro de largos tempos, um dos mais puros espíritos da velha estirpe republicana; e S. Paulo, um dos valores mais afirmativos das virtudes bandeirantes.

A PERSONALIDADE DO EXTINTO

O dr. Pelagio Alvaes Lobo, cujo passamento ocorreu às 17,45 horas de ontem, destacara-se principalmente em dois setores de atividade: era notável advogado e brilhante jornalista. Se na imprensa tornara-se conhecido pela fluência e elegância com que regia as suas belas crônicas e memórias, no campo do Direito firmara-se, ao longo de extensa e trabalhosa vida profissional, como um dos seus expoentes em São Paulo. Na Ordem dos Advogados, de que foi conselheiro sucessivamente reeleito, desfrutava do mais sólido prestígio. Desempenhou, durante muitos anos, o cargo de chefe do Departamento Jurídico da Cia. Mogiana. Desde os bancos acadêmicos, aliás, salientara-se Pelagio Lobo pelo fulgor da inteligência e a decidida vocação, conquistando todos os galardões escolares.

O ilustre paulista, que desaparece aos 64 anos de idade, nasceu em Campinas, a 1.º de fevereiro de 1883. Vinha de nobre estirpe paulista, neto que era do maestro Elias Lobo e filho de Antonio

Lobo, velho paulista que ocupou, como parlamentar e administrador, os mais altos postos na vida pública do Estado. Sua mãe, sra. Guilhermina de Freitas Lobo, provinha, igualmente, de tradicional família bandeirante.

A FAMÍLIA DE PELAGIO LOBO

Deixa o extinto viúva a exma. sra. Arinda de Freitas Lobo, e os filhos: Maria Marta, casada com o sr. Francisco Domingo Ferraro;

Maria Angela, casada com o dr. José Antonio de Freitas Levy; Ana Maria e Osvaldo, solteiros. Eram seus irmãos: dr. Azael Lobo, casado com a sra. Maurinha Lobo; d. Elisa, casada com o desembargador Antão de Moraes; Ana Ismeria, casada com o dr. Artur



Dr. Pelagio Lobo

Leite de Barros; Sarah Lobo Neto, casada com o sr. Humberto Neto; Rute e Menininha, solteiras.

Os funerais serão realizados às 15 horas de hoje, saindo o feretro da residência do extinto, à av. Francisco Matarazzo, 176, às 15 horas, para o Cemitério S. Paulo.

("Correio Paulistano" de S. Paulo, de 08-05-1952)

Edm



Faleceu o sr. Pelagio Lobo

Faleceu ontem, nesta capital, aos 64 anos, o dr. Pelagio Alvares Lobo, advogado e jornalista. O extinto era filho do dr. Antonio Alvares Lobo,



que antes de 30 ocupou varios cargos eletivos, e da sra. Guilhermina de Freitas Lobo. Fez o 1.º ano primario na escola publica de Cristiano Volkart, em Campinas, e os seguintes no 1.º Grupo Escolar da mesma cidade. Cursou o Ginasio Estadual de Campinas de 1901 a 1905, e a Faculdade de Direito de São Paulo, de 1906 a 1910. Formado voltou para sua terra natal. Foi juiz de Paz de 1912 a 1915. De 1921 a 1922 subprocurador judicial da Municipalidade de Santos. Foi suplente de deputado federal nas eleições de 1945, pelo P.S.D. Pertencia ao Instituto dos Advogados de São Paulo, Instituto Historico e Geografico de São Paulo, Centro de Ciencias e Letras e Artes de Campinas, do qual foi diretor e redator da respectiva revista de 1915 a 1919. Membro do conselho e da diretoria da Ordem dos Advogados, seção de São Paulo, de 1913 a 1950. Publicou varios trabalhos juridicos e no jornalismo tratou de varios assuntos, principalmente no estudo de figuras e epocas ligadas a politica paulista e brasileira, no Imperio e na Republica. Publicou ainda os seguintes folhetos: Discursos sobre os Socios Falecidos do Centro de Ciencias e Letras de Campinas; Olavo Bilac, conselheiro Rodrigues Alves, Brasílio Machado, J. C. da Costa Sena, prof. Teodoro Yahn e Antonio R. Villela; orações de centenario de Francisco Glicerio, Francisco Quirino dos Santos, dr. Pedro Sanches de Lemos, em São Paulo; sobre Prudente de Moraes, o advogado, no Instituto da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro.

O extinto deixa viuva a sra. Arinda de Freitas Lobo e os seguintes filhos: Maria, Marta, casada com o sr. Francisco Domingos Ferraro; Maria Angela, casada com o dr. José Antonio de Freitas Levi; Ana Maria e Osvaldo Lobo. Eram seus irmãos: dr. Azael Lobo, Elisa Lobo de Moraes, Sara Lobo Neto, Ana Esmeria Lobo Leite de Barros, Rute de Freitas Lobo e Meninha Lobo.

O feretro sairá hoje, às 15 horas, da avenida Francisco Matarazzo, 176, para o cemiterio do Araçá.

Edm

— XXVII —

Pelágio Álvares Lobo — 1.º/2/1888 — 7/5/1952

Não podia deixar de incluir em meu trabalho a simpática figura do jornalista e historiador campineiro, pois foi seu livro «Velhas Figuras de São Paulo», volume V das publicações da Academia Paulista de Letras, um dos principais responsáveis pela minha decisão de elaborar esta obra, já que hauri do ilustre autor grande parte das informações biográficas dos vultos que apresento.

Tendo nascido em Campinas na data supra, era filho do notável Dr. Antônio Álvares Lobo e d. Guilhermina de Freitas Lobo.

Pelágio Lobo foi também — como a maioria dos campineiros ilustres — aluno do «Culto à Ciência» e formou-se advogado em 1910, pela Faculdade de Direito de São Paulo.

Formado, voltou para Campinas, passando a trabalhar com o pai no escritório que pertencera a Francisco Glicério. Exerceu a advocacia também em Santos e São Paulo, onde se fixou definitivamente. Passou, então, a chefiar o Departamento Jurídico da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Foi membro do Instituto dos Advogados, da Ordem dos Advogados do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Sociedade Paulista de Escritores.

Como jornalista, trabalhou em diversos órgãos de Campinas e São Paulo.

Além de inúmeros artigos dispersos nos jornais e de seu livro aqui citado, deixou o volume póstumo, «Recordações das Arcadas», publicado pela USP, em 1953, sendo Reitor o acadêmico Dr. Ernesto de Moraes Leme.

A maior parte dos ilustres vultos biografados, Pelágio Lo-

bo conheceu-os pessoalmente. Seu pai, o dr. Antônio Álvares Lobo, foi um dos mais destacados «homens bons» de Campinas, tendo sido Intendente, deputado estadual e presidente da antiga Câmara paulista. Foi também jornalista, tendo dirigido o jornal «Cidade de Campinas», que depois adquiriu.

Seus irmãos José Manuel, Paulo e Elias colaboraram com ele no seu órgão de imprensa.

Pelágio Lobo — diz um de seus biógrafos — era de estatura mediana, corpulento, tez morena, vestindo-se com apuro. Falava com voz quase silenciosa e discursava com brilho.

Ao recordar o político piracicabano Cincinato Braga, Pelágio diz que «ao ler um de seus artigos, o velho político há-de receber com júbilo seus informes, do filho de um seu condiscípulo e amigo, que herdou do pai a forte e inalterável afeição com que este acompanhou os trabalhos do seu condiscípulo do «Culto à Ciência», da Faculdade de Direito e mais tarde, nas agitações da política.»

Nos seus tempos de acadêmico, Pelágio Lobo, certa ocasião, teve a grande emoção de ser apresentado ao grande Campos Sales, pois fazia parte do grupo de estudantes «salistas», favoráveis à eleição do ilustre campineiro, em 1907, à presidência do Estado. Foi apresentado por César Verqueiro, que disse a Campos Sales:

— Este é segundalista. E é da família Lobo.

— Lobo? Filho de quem? Do Antônio Lobo? Então o senhor, além de meu conterrâneo, é filho de um grande amigo... Sente-se aqui ao meu lado...

Pelo largo e prestigioso círculo de amizades de seu pai e também pelas que granjeou ao longo dos anos, Pelágio Lobo tinha muita coisa interessante para contar, como cronista sabroso que foi. Por isso, este seu livro «Velhas Figuras de São Paulo», em boa hora publicado pela Academia Paulista de Letras, é uma leitura obrigatória para quem se dispuser a escrever sobre a história de Campinas e de São Paulo ou simplesmente quiser se deleitar e se informar através sua leitura.

Falecendo em 1952, deixou viúva d. Arinda de Freitas Lobo, e descendência.

Além de patrono da Cadeira n.º 28, da Academia Campinense de Letras, dá seu nome a uma rua no bairro do Guanabara, que começa na Avenida Brasil, 709.



Assim se expressou o dr. Camilo Geraldo de Souza Coelho, focalizando a personalidade do dr. Pelágio Lobo:

"Meus Senhores: — O "Clube dos Advogados de Campinas" precisaria, mesmo, nesta noite de homenagens póstumas, incluir, na ordem de seus trabalhos, um item alusivo a Pelágio Alvares Lobo.

Se não o fizéssemos poderíamos proclamar, fora de qualquer dúvida, que se estaria cometendo uma tremenda injustiça a quem, em vida, tão alto soube elevar



Dr. Pelágio Lobo

a dignidade da profissão, que o elo que nos congrega.

A Morte, ultimamente, Senhores, — tem-se a impressão, — ensandeceu. A sua imagem não a vemos mais como daquele meditativo, que, sendo repelente, era respeitável, pelo senso de justiça e implacabilidade, que incarnava. Os seus passos, eram tardos, mas firmes. Os seus olhos, se tinham a penetração do aço, tinham, também, a luz de fina inteligência. Os seus desígnios, apesar de sempre escaparem à penetração humana, apresentavam-se submetidos a um quê de lógica, de ordem, de concatenação.

Em suma: — infundia-nos, a Visitante Indesejável, não só pavor, mas respeito.

Hoje, parece-nos, as coisas não se passam assim. A Morte deu de brincar conosco. De séria, virou galhofa. Virou maldade. Mofa e zomba de nós. Prega-nos sustos e surpresas descabidos, de arrepiar cabelo! Como autêntico Saci-Pererê, em correrias loucas e selvagens, brinca de pega-pega. Esconde-se, negaceia, quebra o corpo, vira os olhos, torce a cara, aparece e desaparece, está aqui e acolá, acutilando a nossa sensibilidade, com os seus terríveis gritinhos zombeteiros.

O pior de tudo isto é que, com os seus golpes desabridos, descontrolados, desferidos a esmo, — esgrimista insano — vai pondo por terra individualidades que honram e enobrecem o gênero humano.

Pelágio Lobo, — lamentar-lo sentidamente, foi uma de suas vítimas indefesas. Feriu-o, o florete da Morte, no momento culminante de sua vida, que era uma bênção de Deus, de tal forma derramada, em torno de si, facho de luz, de bondade, de sabedoria, de exemplos, de compreensão, de tolerância.

Advogado, insigne entre os mais insignes, o seu nome foi um broquel a proteger as prerrogativas de sua profissão, que desde sempre e sempre, esculpida dos maus batalhadores, destes que lançam ao pó grosseiro de sua indiferença, sob o tegumento casado e impenetrável de sua cobiça, os

ditames impostergáveis da Moral e da Honestidade, inseparáveis das lides judiciárias.

Assim é, Senhores, que, durante quinze anos ininterruptos, exerceu Pelágio Lobo o seu mandato de Juiz do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, revelando, nestes misteres, que os desempenhou com profundo senso de responsabilidade, o seu imenso, o seu incomensurável amor à profissão, que abraçou obedecendo a um poder incoercível. Ali, neste órgão de disciplina da classe, a sua atuação se patenteou objetiva: acarçou os bons; aos pandilhas, profligou, anatematizou, perseguiu, implacavelmente. Preservava os fóros de nobreza da profissão, que não queria menoscabada, desprestigiada, desconhecida, por obra e graça de uns poucos aventureiros.

Se o Direito, como o definiu lapidariamente Vicente Ráu, "é um sistema de disciplina social, fundado na natureza humana, que, estabelecendo, nas relações entre os homens, uma proporção de reciprocidade nos poderes e nos deveres que lhes atribui, regula as condições existenciais e evolucionais dos indivíduos e dos grupos sociais, e, em consequência, da sociedade, mediante normas coercitivas impostas pelo Poder Público", se o Direito é isto, como de fato é, é certo que para estes estudos pendesse a inteligência viva do homenageado; e certo que para eles se inclinasse a sua sensibilidade de homem afetivo, que norteou a finalidade de sua vida à obtenção da paz e da harmonia sociais.

A morte, portanto, de Pelágio Lobo, nos foi particularmente penosa. Desfalcou o contingente, já de si pouco numeroso, daqueles varões abnegados que, com sacrifícios ingentes, têm sustentado, nesta época desoladora e acachapante, a ordem moral, assaltada por todos os apetites e desregramentos.

De fato. A exceção transmutou-se em regra. As "filipetas", em norma de vida. Assaltos, desfalques, complacências. As imposições do Dever, lascaram, liquifizeram-se, desatracaram. A maré montante da corrupção cresce e se alarga, como o Everest, em meio da campina. A ordem do dia é o roubo, é a perfídia, é a simulação, é o peculato. O que existe, — é a gatunagem organizada. É a adulteração e o suborno. É a subversão arrasadora de todos os valores.

E aí, neste inferno, mesquinho e razo, de odores e miasmas confinados, que é o transe histórico que nos foi dado viver, após duas conflagrações ferocíssimas, que por pouco não aniquilaram a própria Civilização, — foi Pelágio Lobo, com a retidão de seus propósitos, com a limpidez de sua consciência, sem remorsos, com o armar do Direito, que as tentou como mestre exímio, um verdadeiro matador de serpentes.

Agora, mais que nunca, está o mundo, já abalado em seus fundamentos, a carecer da firmeza inflexível dos homens, de bem, de caráter, de corção.

Este, tinha-o puro e sem máculas Grande, sumamente grande, nele se acomodariam todas as nuvens do céu. Generoso, como o bálsamo, como a brisa matutina. Sensível como o cristal, que treme e ressoa mesmo com o roçar de plumas. A transparência da fama de seu olhar, morno, envolvente, risonho, — era uma mensagem de fé e de compreensão.

Pelágio Lobo morava em São Paulo, onde se radicara.

No entretanto, aqui em Campinas, quem o não conhecia?

Quem conseguia defender-se de seus encantos? Quem não se dobrava à sua dialética vibrátil, fina, palpitante, pejada de chiste, vivificada por uma alegria contagiante, que era o espelho de uma alma sem vincos?

Que e saiba, ninguém.

Consultem-se os velhos campineiros, que bem o conheciam. Os seus colegas de profissão, que mantiveram, com ele, a luta diuturna pelo Direito. Os serventuários, entre os quais deixou espalhadas amizades. Os magistrados, que nele viam um energético colaborador da Justiça.

O campineirismo de Pelágio Lobo, — constitui um capítulo à parte. Campinas, via em seus olhos, latejava em suas veias, assoberbava os seus sentimentos. Campinas, pequeno arraial de bandeirantes. Campinas de Barreto Leme. Campinas de mais de duzentos anos. Campinas imperial. Campinas, dos barões e da nobreza. Campinas de Carlos Gomes. Campinas, do café e das fazendas, que se estendiam, a perder de vista. Campinas, meca da República. Campinas, de Clécio e de Campos Sales, o consolidador das finanças nacionais. Campinas, de Bento Quirino. Campinas, da febre amarela. Campinas, da Santa Casa, da Matriz Velha, da Catedral, do Culto à Ciência. Campinas, de Dom Nery, do Padre Vieira. Campinas, dos solares. Campinas, do orgulho malsinado. Campinas, Princesa Doeste. Campinas, do Centro de Ciências, Letras e Artes. Campinas, da riqueza e da austeridade. Campinas de Heitor Penteado e Orozimbo Maia.

Campinas, terra faceira, gentil e acolhedora.

A, minha Campinas, como te amou Pelágio Lobo! Esta terra constituía, por assim dizer, a menina de seus olhos. Cultivou a sua tradição, a sua história, pejada de nacionalismo, de grandezas, de idéias, como ninguém.

Campinas, via-a na continuidade perene de seu progresso. Via a nas suas idéias, nas suas instituições, nos seus vultos marcantes. Nas suas lutas, nas suas vicissitudes, nos seus esplendores. Via-a, cidadezinha pacata, que foi. Via-a, enfim, como a metrópole, já febricitante, de hoje.

Amou a sua Campinas com extremos de carinho, com êxito. E, dando materialidade a esse amor, traçou, em crônicas e conferências impercíveis, alguns vultos de nosso passado redutivo. O seu estilo leve, fúente, conciso, de notável jornalista que foi, pôs-se a serviço da história do seu burgo natal. E assim, revelou-se o historiador, o pesquisador paciente, a procura de testemunhos antigos, de velhos documentos, de publicações, de alfarrábios empoeirados, vasculhando cartórios, cúrias, coleções de jornais, decretos, atas de câmara, razões forenses. Nos últimos tempos, a sua autoridade, a respeito da história de Campinas, era inegável. Como dele já se disse, pode figurar, sem desdouro, na galeria ora ocupada por Leopoldo Amaral, Benedito Otávio e Rafael Duarte.

Felício Lobo! Jurista emérito, campineiro ilustre, jornalista de prol, cronista e historiador, — é certo que a morte, que o abateu, num gesto trágico e fatal, não significava o aniquilamento e o pó. Com os seus despejos, não se inibiram o silêncio e o esquecimento.

Não! Fragmentos de ti, de tua alma bonançosa, que crepitou falseante, qual estrelas do céu, ficaram conosco, na nossa saudade, no culto que te devotamos.

O Clube dos Advogados de Campinas, pois, pela minha palavra, descolorida e agreste, presta esta justíssima homenagem.